# Sebastião Todo Alba o Alba





# ÍNDICE

Dividir a noite e Sebastião Alba, nota editorial por Jorge Reis-Sá	13
A NOITE DIVIDIDA	
I. O Ritmo do Presságio	19
O RITMO DO PRESSÁGIO	25
NA MORTE DE PICASSO	26
COMO OS OUTROS	27
AS MÃOS	28
UMA CERTA DIGNIDADE	29
EM VIAGEM	30
PRAIA	31
AS CASAS CONSTROEM-SE DE SOMBRA	32
CIRCULAMOS EMBOLSADOS	33
OS POETAS	35
MAIS DO QUE O OUTRO	36
NO MEU PAÍS	37
PARÊNTESIS	38
DUM GRANDE POETA DEU-SE O NOME	39
PALAVRAS DE PONTA E MOLA	41
ESPLANADA	42
O ESPANTO DO MENINO	43
REINALDO FERREIRA	44
LÚGUBRE SOU	45
PASSAMOS LONGAS HORAS CONVERSANDO	46
GÉNESE	47
FALO DO VOSSO AMOR CODIFICADO	48
UM LEÃO LADEIA	49
A UM FILHO MORTO	50

SEM TÍTULO	51
PONTE PÊNSIL	52
1941-1968	53
QUANDO NASCEMOS ENTRAMOS	54
A VILA	55
MEMÓRIA	56
O MENINO E O BÚZIO	57
ALMOÇO À ZAMBEZIANA SOB UMA ÁRVORE	58
DOMINGO	59
HOJE ENCONTRAREI OS TEUS OLHOS	60
NÃO SEI QUE LUZES	61
MAL O DIA SE INFILTRA	62
SUBÚRBIO	63
A BOMBA	64
O NAVEGADOR	65
OS BUSTOS	66
ULTIMO POEMA	67
NINGUÉM MEU AMOR	68
OS CARDEAIS CHEGARAM	69
O QUE NÃO SE DISSE DAS PAISAGENS	70
SERENATA	71
CERTO DE QUE VOLTAS CANÇÃO	72
MEU AMOR!	73
UM ANJO ERRA	74
CIÚME	75
ANOITECER	76
A UM TROVADOR	77
ÍCARO	78
II. A Noite Dividida	79
Não sou anterior à escolha	81
À hora em que a ressaca deixa	82
Vergo sob o peso	83
Enceto as viagens que faço	84
PÉGASO	85
O navio sumiu-se	86
ENVELHECES, RAPAZ	87
Em cada mão, a pedra com que insulto	88
Ficou-lhe uma desolação de tal modo	89

RETRATO DO ARTISTA AO AMANHECER	90
OS ESCRIBAS	91
Gosto dos amigos	92
TRECHO DA PRAIA	93
Luz eliminatória	94
Como na cabina rangente dum velho navio	95
AO CREPÚSCULO	97
Nem o entalhe	98
TRABALHO DE CASA UM COMBOIO (AGUARELA)	99
Pela mão levo uma filha à escola	100
A GUERRILHEIRA	101
A estátua não roda de pé sobre si mesma	102
Antes que se inflame o seu voo	103
A POMBA	104
Quanto se alheavam!	105
Pai: quando falava do futuro	106
À MORTE DE RICHARD SORGE	107
A esperança enlaçava a âncora	108
O espinho no lóbulo	109
FIM DE POEMA	110
Marinheiros de água doce e, como tal, policiada,	111
LENDO ÁLVARO DE CAMPOS	112
Para o medo com orelhas agudas,	113
Quando escreve descalça-se	114
Pela voragem	115
Deixa entrar no poema	116
Ainda que, segundo o boletim de bordo,	117
Aos que perecem nos alvéolos,	118
O DITADOR	119
Pela manhã brotamos	120
VISITA	122
A FAMÍLIA	123
A chuva descia	124
Estar comigo	125
Pôs o motor em marcha	126
Chegados aos 40,	127
À MEMÓRIA DE CECÍLIA MEIRELES	128
OS PREDECESSORES	129
Embora cravado por	130

III. O Limite Diáfano	131
Na sua primordial inocência	135
Esta melancolia andou desocupada	136
Às vezes uma palavra toma-me	137
A luz, morosa,	138
NA MORTE DO CANÁRIO	139
Conduzo	140
De andaina suja, menino,	141
EINSTEIN	142
EPÍLOGO	143
POETA MENOR	144
Que andas a fazer pela vertente	145
Se for estável a cumplicidade	146
O VERSO ARISCO	147
Eis descerrada no azul	148
Da guerra e da paz	149
Aqueço-me a um fogo	150
Com dedal, agulhas, pano-cru	151
O MANUSCRITO SEM GARRAFA	152
O LIMITE DIÁFANO	153
O DESERTO	154
Um relâmpago vara	155
OS BRUXOS	156
O PAPILLON	157
A UM VELHO GALO	158
Na queima dos livros	159
Por um recuado desígnio	160
Súbdito só de quem não reina	161
Aos que amamos, a parábola	162
Deito-me na rede atada	163
Que ilusória beleza	164
POEMAS E POESIAS	
I. Poemas	167
Há poetas com musa. Muitos.	169
A lua dissolve no azul o pigmento de estrelas	170
A UM MÚSICO IGNOTO	171

Desde sempre, o que fomos até à nascença,	172
F. ENGELS	173
O poeta oficial,	174
POR UM TRIZ	175
PABLO NERUDA	176
D. QUIXOTE	177
VACILANDO	178
ROL DO APARTAMENTO	179
O MESSIAS	180
O BOATO	181
A PALHOTA	182
UM VERSO LIGASSE	183
AMANHECER	184
UM ANJO ERRA	186
NUM ÁLBUM	187
ESCREVO	188
DE VOZ APERRADA NA GARGANTA	189
PÁSSAROS POUSADOS	190
O ÁLBUM NOS JOELHOS	191
PODEMOS DESLIGAR O SILÊNCIO	192
É A PRESENÇA VELOZ DA LUZ	193
CIDADE BAIXA	194
OZORNIK	195
CONTO	196
MOONLIGHT	197
BIOMBO CHINÊS	198
A PALMEIRA TODA	199
CONTORNAI CORRENDO OS CORAÇÕES DO POVO	200
O LAGO	201
O AJUDANTE	202
CREPÚSCULO	203
O VELHO E O MAR DE HEMINGWAY	204
AGORA QUE O DIA FINDA	205
COMO SE O MAR	206
PRAIA DE MOÇAMBIQUE	207
MACANGA	208
COMO O ANIMAL NO COVIL SE INTEIRIÇA DE PASMO	209
AOS AUTORES	210
Assistimos à passagem dos dias	211

Amo-te Felisbela	212
No túmulo de Anton	214
II Deseite	215
II. Poesias	215
Mãe: já vou só. Estou despido	221
No bosquejo dessas formas,	222
Não acham patéticos alguns de nós,	223
A GRADE	224
Sombra no leito da torrente, vogo	225
A minha vida é um círculo perfeito	226
Ridículo	227
Minha existência p'ra nada	228
Náná: quem segue contigo	229
Amo cada mulher como se chora	230
Posso falar,	231
FRANÇOIS VILLON, 1960	232
Um galo cantou lá fora,	233
O meu tato endoideceu.	234
Oiça maldita:	235
Grilo que trilas na cela	236
Quem reza não é ela,	237
Deram-me um livro de histórias para crianças.	238
A seguir vi-te!	239
Chove, chove	240
Quando derrubaram Júlia para u'a moita,	241
Dás-te-me, dás-te a todos meu amor;	242
Para depois	243
Palhaço à arena do circo	244
POEMA CONVULSO	245
Se não falares nem agires	247
Dolente balada arcaica	248
Eu, ao morrer,	249
Esse mundo incriado em que te vejo	250
Amigos:	251
Eis uma ocasião em forma de mulher	252
Agora quem me persuade	253
Mãos de choro desfeito,	254
A simpatia humana é o brando laço	255
Há muito que a chuva para.	256

O vento norte	257
Quereria que a noite inteira	258
REINALDO FERREIRA	259
As minhas razões articulam-se nos ossos,	260
DESASTRE	261
RETRATO PARA OS ÁLBUNS DO JOÃO E DA CARLOTINHA	262
Memoro; na tarde finda,	263
Uma prostituta do cabaret a que vim,	264
Entre ali, como perdura,	265
Do comboio da minha infância	266
Pirata à luz vermelha de quimeras,	268
Os deuses nunca me querem,	269
Meu desejo intestino,	270
É bem estranho o sentimento	271
Busco-te numa noite de chuva.	272
— Baste o frio baste o frio,	273
A minha mania gostosa	274
Na noite gelada que é	276
Dessa estátua de órbitas comidas,	277
Sonho-me um grande poema arrítmico e belo	278
ALBAS	
I. Albas	281
II. Ventos da Minha Alma	449
III. Albas Inéditas	557

#### DIVIDIR A NOITE E SEBASTIÃO ALBA

Sebastião Alba, pseudónimo de Dinis Albano Carneiro Gonçalves, publica em 1965 em Moçambique o seu primeiro livro, *Poesias*, numa edição de autor. Em 1974, edita *O Ritmo do Presságio* na Académica, que reeditará sete anos mais tarde, já em Portugal, nas Edições 70. Um ano depois, em 1982, na mesma editora, dá à estampa *A Noite Dividida*. Só em 1996, na Assírio & Alvim, volta a publicar um livro, reunindo então a sua poesia sob o título desse último e acrescentado o inédito *O Limite Diáfano*. É esse volume que se apresenta sem quaisquer alterações (além da retirada da repetição do poema «Anoitecer») na primeira parte de *Todo o Alba*. Foram inseridas as emendas manuscritas encontradas no exemplar que o autor dedicou às filhas.

A segunda parte de *Todo o Alba* recupera o que foi rasurado pelo autor na edição de 1996. Sob o título «Poemas e Poesias», publicam-se os «poemas» que não foram incorporados em *A Noite Dividida* e as «poesias» que não tiveram qualquer edição subsequente à edição de 1965. São duas as razões para esta reedição: é dúbio que a edição da Assírio seja a reunião da obra completa ou uma grande antologia, porquanto Vergílio Alberto Vieira, numa antologia por si organizada (*Uma Pedra ao Lado da Evidência*, Campo das Letras), dada a estampa um mês depois da morte de Sebastião Alba, nos informa que incorporou alguns poemas não incluídos na edição de 1996 com «o acordo do poeta, que a tal não se opôs»; por outro lado, e principalmente no que diz respeito ao volume *Poesias*,

a dificuldade que tivemos em conseguir o original — e apenas tivemos acesso a fotocópias do mesmo — faz com que seja ainda mais pertinente disponibilizar o texto a leitores e estudiosos.

Foi já depois do seu falecimento, em outubro de 2000, seis meses após cumprir 60 anos de vida, que as Quasi Edições publicaram Albas (2003, com organização, introdução e notas de Maria de Santa-Cruz) e Ventos da Minha Alma (2006, com prefácio de Francisco Noa). Nestes dois livros apresentou-se um conjunto de fragmentos que Alba costumava entregar manuscritos às pessoas mais próximas, textos esses onde o seu génio e visão permitem uma melhor compreensão, não só da sua poesia, como da sua peculiar forma de observar o mundo. Decidimos alterar consideravelmente a organização do primeiro título, colocando os textos na ordem que foi originalmente entregue no ficheiro a que a organizadora faz menção no prefácio original. Com o acordo desta, mantivemos as notas que nos parecem mais pertinentes para esta edição. E eliminamos (de ambos os livros) os títulos editoriais que foram inseridos em cada fragmento. A Ventos da Minha Alma acrescentamos, nos textos a que tivemos acesso, as datas que tinham sido retiradas editorialmente, mantendo a ordem do livro original. Infelizmente, não logramos confrontar os originais de *Albas*, pelo que os textos surgem não datados. A impossibilidade de aceder aos originais faz deste «livro do desassossego» uma organização sempre provisória, que só o tempo e alguma serendipidade poderão alterar. São estes dois livros, acrescidos de alguns poucos inéditos que nos foram entretanto confiados pela família, que compõem a terceira parte de Todo o Alba.

Parece-nos, por isso, evidente que a divisão do volume estabelece os graus de importância necessários e, esperamos, condizentes com aquilo que Sebastião Alba poderia ter desejado: a obra canónica na primeira parte; a obra dita «histórica» na segunda; e os fragmentos recolhidos na

terceira. Por forma a que, assim, se possa ler Todo o Alba — relevando o que ele quis relevar e apresentando o que o estudo da literatura em língua portuguesa merece.

Jorge Reis-Sá, na Casa dos Ceifeiros, 17 de agosto de 2023



# I O RITMO DO PRESSÁGIO



No soy reter de nada no dirijo por eso atesoro las equivocaciones de mi canto

PABLO NERUDA<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Nas edições anteriores, a epígrafe não existia, estando no seu lugar as seguintes citações: «As coisas. Que tristes as coisas consideradas sem ênfase. Carlos Drummond de Andrade, A Flor e a Náusea» e «... demasiado lúcido para não ver que essa fuga se reduzia, no fim de contas, a trocar a miséria da banalidade pela miséria da ênfase. Engels, Kark Grun, Goethe do Ponto de Vista Humano.»

A citação de Neruda viria a ser recuperada como segunda epígrafe da edição original de A Noite Divida.

## O RITMO DO PRESSÁGIO

A tinta das canetas reflui de antipatia e impregnadas, assíduas cambam as borrachas Não há fita de máquina que o uso não esmague o vaivém não ameace de dessorar os textos Mas a grafia nada diz de pausas na cabeça Vozes inarticuladas adensam, durante elas uma tempestade recôndita E nubladas carregam-se as suspensões encadeando em nós o ritmo do presságio.

# II VENTOS DA MINHA ALMA

10/3/92

Querida Neidinha:

Estou a lutar com terríveis dificuldades. Não de dinheiro, porque essas nunca as tive ou as senti. Mas os obstáculos multiplicam-se à minha volta, não sei como hei de contorná-los. Os meus olhos, que viam a vida com tanta nitidez, começam a embaciar-se. Estarei a envelhecer, querida?

O Zé Carneiro tinha um livro do Patraquim com uma dedicatória manuscrita para nós. Pousei-o numa resma de jornais, quando comprava cigarros num quiosque, em Sta. Apolónia, e desapareceu logo! Lisboa.

O primo João telefonou-te no teu 21.º aniversário? Mas isso não importa. Mando-te mais algum dinheiro; não preciso dele, descansa. Tenho um projeto e hei de levá-lo até ao fim, ou cairei (estou a escrever-te em cima de uma gabardine dada). Lembras-te daquele velho lobo de Tolstoi, em «Guerra e Paz»? O pobre animal, perseguido pela matilha, continua trotando num trilho da alma do papá.

PS: Saudades à Sónia e à mamã. Amo-vos.

\* \* \*

Torre de D. Chama, 4/3/91

Querida Neide:

Já fizeste 20 anos e, desses, «roubei-vos» 4. Mas, olha, aí vai um quadro desta minha vida: dizia-me uma amiga recentemente, em Paço d'Arcos: «hoje, sim, agrada-me conversar contigo!» querendo significar com

isso que eu, sóbrio, era uma pessoa perfeitamente aceitável. Ora, eu acabara de beber, nessa manhã, uma garrafa de vinho do Porto. Ela não o sabia. A conclusão impõe-se: muito bêbado é que estou num plano de comunicação com as pessoas vulgares. Mas, que diabo! Eu quero ser uma delas! Jamais quis ser outra coisa. Esta nostalgia acabará por matar-me. Então, só embebedando-me consigo ser um entre outros? Quando não «bebia» em que mundos terei vivido? Isto é intrigante, não achas?

Amo-te

pp.

\* \* \*

Tua, 6/2/91

Queridas filhas:

O conhecimento, para o pp., nunca foi um adorno, qualquer coisa de que ele se revestisse, mas busca, aventura.

No entanto, há momentos em que ele daria tudo para estar convosco numa sala e ouvir as vossas vozes.

\* \* \*

Mirandela, 7/2/91

Estou a ver, pela RTP, «Tieta do Agreste». Atores irrepreensíveis, quase todos. Jorge Amado tem o direito, conquistado por ele (entre outros, bem melhores) de ser *indecoroso*. Mas, ali, há um elemento de pansexualismo que me leva a encolher os ombros.

\* \* \*

Arcos, 8/2/91

(Guerra do Golfo)

Gostaria de encontrar, um a um, estes locutores da RTP, no café da minha aldeia. Do lado de fora da porta.

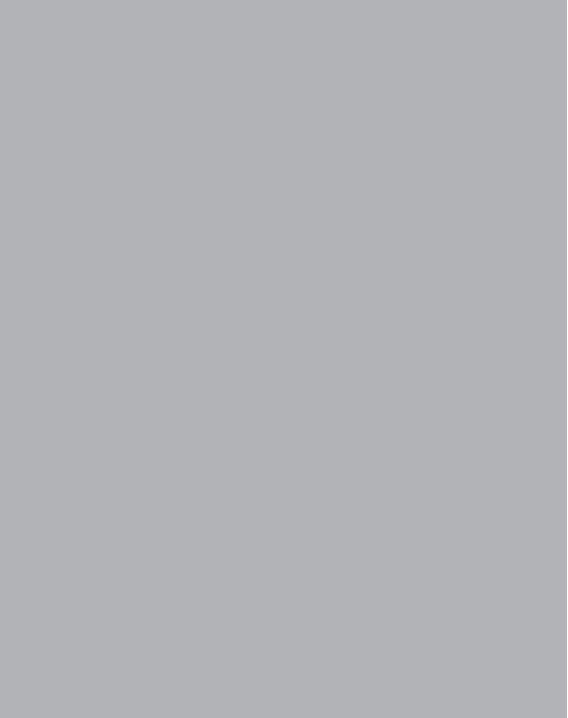
\* \* \*

Vilarinho, 10/2/91

Jesus! Reconheço a face do povo destas aldeias e, por detrás dela, a tua. Revejo, ao mesmo tempo, o papel de Igreja Católica, e vou dizer-te uma coisa que tu já sabes: ela nada tem a ver contigo.

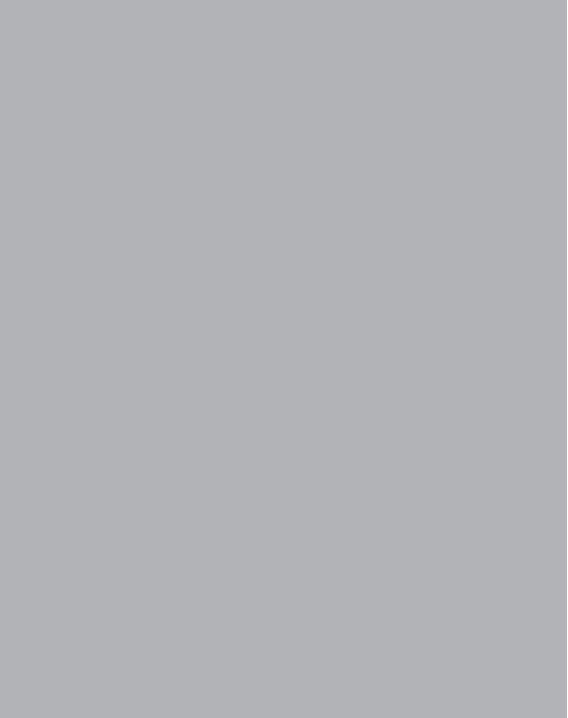
\* \* \*

Torre de ). Chama, 25/11/90				
Queridas, queridas				
pp.				



#### DO AUTOR

- Poesias. Quelimane: Edição do Autor, 1965
- O Ritmo do Presságio. Badanas de José Craveirinha. Maputo: Livraria Académica, 1974. 2.ª ed., com o texto de José Craveirinha como posfácio, Lisboa: Edições 70, 1981
- A Noite Dividida. Lisboa: Edições 70, 1982
- A Noite Dividida. Antologia de poemas dos dois livros anteriores com o inédito O Limite Diáfano. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996
- **Uma Pedra ao Lado da Evidência.** Antologia com seleção, apresentação e notas de Vergílio Alberto Vieira. Porto: Campo das Letras, 2000
- **Albas.** Organização, introdução e notas de Maria de Santa-Cruz, Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2003
- Ventos da Minha Alma. Prefácio de Francisco Noa. Portfolio fotográfico de José Delgado Fernandes. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2006
- **Todas as Noites Me Despeço.** Antologia editorial de poesia. Guimarães: Opera Omnia, 2020
- **Todo o Alba.** Reunião de todos os livros anteriores. Edição de Jorge Reis-Sá. Lisboa: Imprensa Nacional, 2023



## COLEÇÃO

#### PLURAL

#### POESIA

Criada em 1982 por Vasco Graça Moura, então administrador responsável pelo pelouro editorial na INCM, a Plural acolheu, até ao fecho daquela década, obras de novos mas já promissores autores, que tiveram nela a sua primeira oportunidade de publicação. Entre os títulos publicados encontram-se obras de ficção, ensaio, dramaturgia e mesmo artes plásticas, mas sobretudo de poesia. A INCM assumia deste modo o papel de serviço público que lhe cabe desde a sua fundação, neste caso dando oportunidade aos novos.

Com a criação do Prémio INCM | Vasco Graça Moura em 2015, a editora pública decide também fazer reviver esta emblemática coleção e o essencial do seu objetivo. É desígnio da nova Plural publicar as obras poéticas distinguidas no âmbito do Prémio, mas também outras obras de indubitável qualidade que não encontraram ainda a justa oportunidade de publicação ou que são de acesso difícil para o público português.

Esta coleção renasce como espaço dedicado à poesia do grande universo da língua portuguesa — espaço de liberdade, espaço de literatura, espaço de difusão, espaço de pluralidade — homenageando a memória plural do renascentista português dos séculos xx e xxI que foi Vasco Graça Moura.

#### PLURAL

#### história do século vinte

José Gardeazabal Prémio Vasco Graça Moura 2015

#### **Fade Out**

Alexandre Sarrazola Menção Honrosa no Prémio Vasco Graça Moura 2015

## Poesia Completa

Mário Dionísio Prefácio de Jorge Silva Melo

#### Poesia

Eucanaã Ferraz Prefácio de Carlos Mendes de Sousa

## Estrada Nacional

Rui Lage

#### Contra Mim Falo

Vasco Gato

## Aula de Natação

Alice Sant'Anna Prefácio de Armando Freitas Filho

#### Desdizer

Antonio Carlos Secchin Prefácio de Luciano Rosa

# Coreografando Melodias no Rumor das Imagens

Mário Avelar

Retábulo das Matérias 1956-2013

Pedro Tamen

## Alexandrina, como Era Todos os Poemas

J. H. Santos Barros

Edição de Jorge Reis-Sá Prefácio de António Lobo Antunes

Posfácio e Dossiê Crítico de Urbano Bettencourt

## Deixar Um Verso a Meio

Francisco José Viegas

## Instruções para Uso Posterior ao Naufrágio

José Luiz Tavares

Prémio Vasco Graça Moura 2018

## O Livro Branco da Melancolia Antologia

José Jorge Letria Prefácio de Yvette K. Centeno

## Turquesa

Daniel Maia-Pinto Rodrigues Prefácio de Rui Lage

## **Toda Poesia**

Paulo Leminsky

## O Último Poeta Romano

Paulo Teixeira

#### Guardar a Cidade e os Livros Porventura

Antonio Cicero

## Por Ora

Paulo Henriques Britto

Overdrive Poesia [07.21] Alexandre Sarrazola

## **Muitas Vozes** Toda a Poesia, 1950-2010 Ferreira Gullar

Posfácios de Antonio Carlos Secchin e Antonio Cicero

## Obra Poética 1957-1994

Salette Tavares Prefácio de Catherine Dumas

## O Vazio de Um Céu sem Hinos

David Bene Prémio Vasco Graca Moura 2021

#### Poesias Reunidas

Oswald de Andrade Prefácio de Abel Barros Baptista

## Como Um Segredo na Boca do Universo

[Obra Completa-Mente Inacabada] José Luiz Tavares

## Não Desfazendo Poesia 1998-2023

Rita Taborda Duarte Posfácio de Fernando Guerreiro

## Todo o Alba

Sebastião Alba Edição de Jorge Reis-Sá

## TODO O ALBA Coleção Plural

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda © Herdeiros de Dinis Carneiro Gonçalves

Direção literária: Jorge Reis-Sá Capa e *design* de coleção: André Letria Revisão: Mário Azevedo Paginação: Magda M. Coelho Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Minion Pro e impresso em papel Coral Book Ivory de 90 g (miolo) e Geltex 111LS Branco (capa)

> ISBN: 978-972-27-2970-3 Depósito legal: 523924/23 Código de edição: 1025139 1.ª edição: Dezembro de 2023

> Imprensa Nacional é a marca editorial da **INCM**

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A. Av. António José de Almeida 1000-042 Lisboa

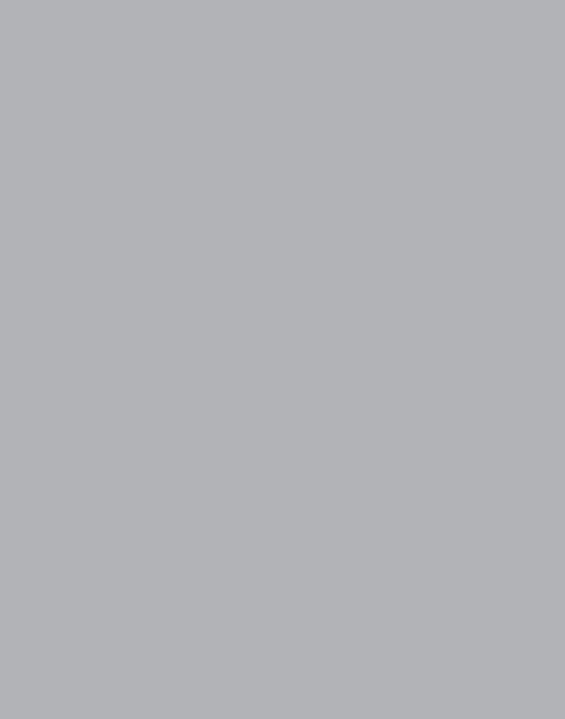
imprensanacional.pt
loja.incm.pt
facebook.com/ImprensaNacional
instagram.com/imprensanacional.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Sebastião Alba Nasce Dinis Albano Carneiro Gonçalves em Braga em 1940, cidade onde viria a morrer sessenta anos depois. Entretanto, afirma-se como poeta em Moçambique, onde edita o seu primeiro livro (Poesias, 1965), que viria a renegar. É com a publicação de O Ritmo do Presságio (1974), com um texto na badana de José Craveirinha, que ganha a notoriedade que o acompanha até hoje. De regresso a Portugal, reedita este último volume e apresenta A Noite Dividida, ambos nas Edições 70 (1981 e1982). Este será também o título que dará a uma grande antologia da sua poesia, publicada em 1996 na Assírio & Alvim. Este livro que agora se apresenta reúne esta última obra, dita canónica, e os dois volumes de textos dispersos (Albas, 2003, e Ventos da Minha Alma, 2006), e numa última parte recupera os poemas não incluídos na edição da Assírio & Alvim.

Uma poesia, nas palavras de Pedro Eiras, onde «um sujeito pode, deseja, escreve, faz - em plena evidência das coisas, mesmo das menos evidentes, as mais maravilhadas».

ISBN 978-972-27-2970-3

## DESENHO



HILDA HILST

DA POESIA

ROSTO

# ÍNDICE

Sobre a poesia de Hilda Hilst e a presente edição	7
Presságio – Poemas Primeiros(1950)	15
Balada de Alzira (1951)	43
Balada do festival (1955)	67
Roteiro do silêncio (1959)	89
Trovas de muito amor para um amado senhor (1960)	133
Ode fragmentária (1961)	155
Sete cantos do poeta para o anjo (1962)	189
Trajetória poética do ser (I) (1963-1966)	199
Odes maiores ao pai (1963-1966)	231
Iniciação do poeta (1963-1966)	239
Pequenos funerais cantantes ao poeta	
Carlos Maria de Araújo (1967)	251
Exercícios para uma ideia (1967)	257
Júbilo, memória, noviciado da paixão (1974)	265
Da morte. Odes mínimas (1980)	357
Cantares de perda e predileção (1983)	417
Poemas malditos, gozosos e devotos (1984)	479
Sobre a tua grande face (1986)	505
Amavisse (1989)	515
Via espessa (1989)	533
Via vazia (1989)	543
Alcoólicas (1990)	549
Do desejo (1992)	559
Da noite (1992)	569
Bufólicas (1992)	577
Cantares do sem nome e de partidas (1995)	595
Poemas inéditos, versões e esparsos	607

Posfácio — Victor Heringer	625
Sobre a autora	649
Índice de títulos e primeiros versos	655

# SOBRE A POESIA DE HILDA HILST E A PRESENTE EDIÇÃO

Presságio — poemas primeiros foi lançado quando Hilda Hilst tinha vinte anos. A obra, publicada em São Paulo em 1950 pela Revista dos Tribunais, com ilustrações de Darcy Penteado, deu início a uma extensa produção que, a partir da década de 1960, passaria a abarcar também peças de teatro e, em 1970, títulos de ficção. Mas foi na poesia que Hilda começou sua carreira. Entre *Presságio* e *Cantares do sem nome e de partidas*, de 1995, sua lavra poética se estenderia por volumes frequentemente ilustrados, publicados por pequenas editoras ao longo de quase cinco décadas.

O segundo livro de Hilda, *Balada de Alzira*, veio a lume em 1951, num intervalo de apenas um ano em relação ao primeiro. Dessa vez o título, publicado pela também paulistana Edições Alarico, incluía ilustrações de Clóvis Graciano. O terceiro volume, que saiu em 1955 pela editora carioca Jornal de Letras, fecharia uma espécie de trilogia de formação. *Balada do festival* concluiu a primeira fase da poesia de Hilda, que, experimentando gêneros variados, encontrou na balada uma de suas formas de predileção: com os cantos de amor e de amizade ela retratou a "paisagem sem cor dentro de mim", anunciada nas lamentações de partida e nas assombrações com a solidão e a morte.

Os três livros seguintes — *Roteiro do silêncio*, de 1959, *Trovas de muito amor para um amado senhor*, de 1960, e *Ode fragmentária*, de 1961 — foram publicados pela mesma editora de São Paulo, a Anhambi. Nesses volumes, Hilda proclama: "Não cantarei em vão". Os poemas retomam o

apreço pelas formas clássicas, com canto medieval e intensa dedicação ao amado. *Sete cantos do poeta para o anjo*, de 1962, ilustrado por Wesley Duke Lee, apontou o início de uma profícua parceria entre Hilda e Massao Ohno — amigo, editor e um dos principais entusiastas de sua poesia.

Em 1967, a obra de Hilda foi recolhida pela Livraria Sal, de São Paulo, em um único tomo intitulado *Poesia* (1959/1967). É possível perceber algumas modificações se as primeiras edições forem comparadas com esta coletânea, sobretudo na estrutura: os três primeiros títulos ficaram de fora da compilação, que tem início em *Roteiro do silêncio*. A reunião abrange, além dos títulos mencionados, *Trajetória poética do ser* (*I*), *Odes maiores ao pai, Iniciação do poeta, Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo* e *Exercícios para uma ideia*, livros que não haviam sido publicados de modo avulso.

Júbilo, memória, noviciado da paixão, lançado em 1974 por Massao Ohno, ilustrado por Anésia Pacheco Chaves, introduz uma nova fase de Hilda. Há, nesse livro, a mesma estima pela tradição lírica e a veia apaixonada que consolidou sua obra, mas com uma diferença singular: é o primeiro livro de poesia posterior à sua estreia na prosa. Pouco antes de Júbilo, ela mergulhou intensamente no teatro, escrevendo oito peças no fim dos anos 1960, e se dedicou também a dois livros de ficção, Fluxo-Floema (1970) e Qadós (1973).

Publicado em 1980 por Massao Ohno e Roswitha Kempf Editores, *Da morte. Odes mínimas* também traz uma novidade: os poemas são ilustrados com seis aquarelas da própria Hilda. O conjunto inaugura sua segunda compilação, que deu conta de vinte anos de produção em *Poesia* (1959/1979), lançada no mesmo ano de 1980 pelas Edições Quíron e pelo Instituto Nacional do Livro.

Cantares de perda e predileção, publicado em 1983 por Massao Ohno em parceira com M. Lydia Pires e Albuquerque, reúne setenta poemas

que tematizam a morte, o sacrifício e a espiritualidade. No ano seguinte, em 1984, o editor Massao Ohno, em colaboração com Ismael Guarnelli Editores, lançou *Poemas malditos, gozosos e devotos*. Se nas odes ilustradas do livro de 1980 Hilda interpela diretamente a morte, em *Poemas malditos* seu interlocutor imediato é a busca por uma ideia de Deus.

A incapacidade de dar nome a Ele é o fio que conduz *Sobre a tua grande face*, publicado em 1986 por Massao Ohno, com grafismos de Kazuo Wakabayashi. *Amavisse*, *Via espessa e Via vazia* formariam uma trilogia lançada em 1989 por Massao Ohno sob o título *Amavisse*. Em tom metafísico, o livro elabora a perda do amor e o lugar ocupado pelo desejo. Em entrevista ao *Correio Popular*, de Campinas, em maio de 1989, a autora definiu este como sua "despedida": "não vou publicar mais nada, porque considerei um desaforo o silêncio". A reunião, acrescida de *Sobre a tua grande face*, *Do desejo*, *Da noite* e *Alcoólicas* — este último publicado em 1990, com ilustrações de Ubirajara Ribeiro, pela editora paulistana Maison de Vins —, daria corpo a um novo livro, concebido pela própria autora. O conjunto dos sete volumes resultou em *Do desejo*, publicado em 1992 pela editora Pontes, de Campinas.

No mesmo ano saiu *Bufólicas*, com desenhos de Jaguar, lançado por Massao Ohno. O volume encerra a tetralogia obscena, composta por esse livro de poesia e três de prosa, que marcam a fase em que Hilda disse "adeus à literatura séria": *O caderno rosa de Lori Lamby*, de 1990, *Contos d'escárnio/ Textos grotescos*, de 1990, e *Cartas de um sedutor*, de 1991. Depois dessas fábulas parodiadas, com altas doses de humor, Hilda lançou em 1995, com Massao Ohno, sua última e breve coletânea de dez poemas, reunidos em *Cantares do sem-nome e de partidas*. Sua última compilação

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Fico besta quando me entendem. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013. p. 105.

em vida, publicada em parceria de Massao Ohno e Edith Arnhold em 1999, é *Do amor*.

Em 2001, a obra de Hilda passou a ser publicada pela Globo, editora de amplo alcance que agrupou sua lavra poética em oito tomos, organizados pelo crítico Alcir Pécora.

No presente volume, que reúne pela primeira vez toda a poesia de Hilda, a ordem cronológica dos livros foi mantida. Acrescentamos uma seleção de versões e esboços de poemas inéditos, recolhidos na Casa do Sol e na Unicamp, para observar de perto o processo criativo da poeta que, com frequência, inventava palavras — é o caso de "malassombros", "mesmismo" e "correirice", além de aglutinações como "porisso" e "vezenquando".

Este livro cobre, assim, um arco de intensa atividade de Hilda, que se dedicou apaixonadamente à poesia ao longo de 45 anos. Em entrevista ao *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em abril de 2001, ela ponderou sobre sua poética: "Não é que eu queira uma aceitação do público. Mas quando a gente vai chegando à velhice como eu, com setenta anos, dá uma pena ninguém ler uma obra que eu acho maravilhosa. Fico besta de ver como as pessoas não entendem o que escrevi. Recuso-me a dar explicações. Falam coisas absurdas, que a minha obra não tem pontuação, não tem isso, não tem aquilo... Acho desagradável ter que falar sobre a minha obra, é muito difícil. Sei escrever".<sup>2</sup>

\* \* \*

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Op. cit., p. 219.

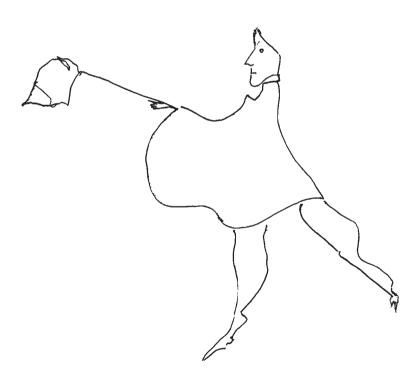
#### Nota dos editores

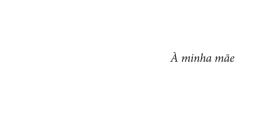
Embora *Da poesia* organize a obra poética de Hilda Hilst pela cronologia, é importante destacar que nem todos os títulos foram publicados pela autora em volumes avulsos. *Trajetória poética do ser (I), Odes maiores ao pai, Iniciação do poeta, Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria de Araújo e Exercícios para uma ideia* foram incluídos na compilação *Poesia (1959/1967)*, editada pela Livraria Sal em 1967. *Via espessa* e *Via vazia* tampouco saíram como títulos autônomos: acrescidos de *Amavisse*, foram lançados como trilogia sob o título *Amavisse*, em 1989, pela editora Massao Ohno. Por último, *Da noite* integra a reunião *Do desejo* (editora Pontes, 1992), que abrange, além desses dois títulos, *Amavisse*, *Alcoólicas* e *Sobre a tua grande face*.

\* \* \*

A presente edição, primeira em Portugal da poesia de Hilda Hilst, segue a da Companhia das Letras de 2017. A Imprensa Nacional agradece à Companhia, na pessoa da sua editora Alice Sant'Anna, mais esta colaboração transatlântica.

# PRESSÁGIO POEMAS PRIMEIROS (1950)





Voltando (porque tua volta sinto-a num presságio) acenderei luzes na minha porta e falaremos só o necessário.

Terás pão e vinho sobre a mesa.

Virás acabrunhado (quem sabe) como o filho que retorna.

Nesse dia, a lamparina de teu quarto deixarás que fique acesa a noite inteira.

O amor sobrevive.

E seremos talvez amor e morte ao mesmo tempo.

Stela, me perguntaram se permaneces no tempo. Se teu rosto de coral e teus cabelos de pedra ficarão indefinidos no espaço, pedindo sol.

Ainda ontem te vi.
Olhar quase estagnado.
Descias azuis escadas
com aquele teu xale verde.
Aquele xale de Stela
parecia feito d'água:
verde aguado, verde aguado.

Debaixo dos teus dois braços trazias rosas molhadas.

Aquelas rosas de Stela e Stela me perguntando se a morte é cousa que passa.

Stela, que desconsolo. Não sabes onde termina a aurora de tua presença. No tempo, se é que existes, só ficarás peregrina.

Como pesa: Stela e eu.

II

Me mataria em março se te assemelhasses às cousas perecíveis. Mas não. Foste quase exato: doçura, mansidão, amor, amigo.

Me mataria em março se não fosse a saudade de ti e a incerteza de descanso. Se só eu sobrevivesse quase nula, inerte como o silêncio: o verdadeiro silêncio de catedral vazia, sem santo, sem altar. Só eu mesma.

E se não fosse verão, e se não fosse o medo da sombra, e o medo da campa na escuridão, o medo de que por sobre mim surgissem plantas e enterrassem suas raízes nos meus dedos.

Me mataria em março se o medo fosse amor. Se março, junho.

III

Gostaria de encontrar-te.

Falar das cousas que já estão perdidas.

Tuas mãos trementes se desmanchariam na sonoridade dos meus ditos.

Faria de teus olhos luz, de tua boca um eco.

Nos teus ouvidos eu falaria de amigos.

Quem sabe se amarias escutar-me.

Brotaram flores nos meus pés. E o quotidiano na minha vida complicou-se.

Diferença triste aborrecendo o andar de minhas horas. Rosa Maria tem flores na cabeça. Maria Rosa as leva no vestido. E esse nascer de flores nos meus pés, atrai olhares de espanto.

Ainda ontem
me vieram dizer
se eu as vendia.
Meus pés iriam
com flores andar
sobre o teu silêncio.
Tua vida
no meu caminho,
na caminhada grotesca
daqueles meus pés floridos.

De tanto serem zombadas morreram adolescentes. Pobres pés, pobres flores. murcharam ontem, hoje secaram.

E o quotidiano na minha vida complicou-se.

V

Amargura no dia amargura nas horas, amargura no céu depois da chuva, amargura nas tuas mãos

amargura em todos os teus gestos.

Só não existe amargura onde não existe o ser.

Estão sendo atropelados em seus caminhos, os que nada mais têm a encontrar. Os que sentiram amargura de fel escorrendo da boca,

os que tiveram os lábios macerados de amor. Estão terrivelmente sozinhos os doidos, os tristes, os poetas.

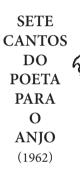
Só não morro de amargura porque nem mais morrer eu sei.

## VI

Água esparramada em cristal, buraco de concha, segredarei em teus ouvidos os meus tormentos.

Apareceu qualquer cousa em minha vida toda cinza, embaçada, como água esparramada em cristal.

Ritmo colorido dos meus dias de espera, duas, três, quatro horas, e os teus ouvidos eram buracos de concha, retorcidos no desespero de não querer ouvir.





Nunca fui senão uma coisa híbrida Metade céu, metade terra, Com a luz de Mira-Celi dentro das duas órbitas.

JORGE DE LIMA

## CANTO PRIMEIRO

Se algum irmão de sangue (de poesia) Mago de duplas cores no seu manto Testemunhou seu anjo em muitos cantos Eu, de alma tão sofrida de inocências O meu não cantaria?

E antes deste amor Que passeio entre sombras! Tantas luas ausentes E veladas fontes. Que asperezas de tato descobri Nas coisas de contexto delicado. Andei

Em direção oposta aos grandes ventos. Nos pássaros mais altos, meu olhar De novo incandescia. Ah, fui sempre A das visões tardias! Desde sempre caminho entre dois mundos

Mas a tua face é aquela onde me via Onde me sei agora desdobrada.

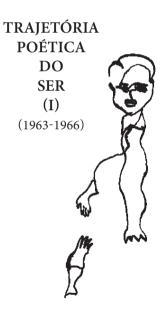
## **CANTO SEGUNDO**

Se te anuncio lágrimas e haveres É para te encantares do meu canto. Um tempo me guardei Tempo de dor aquele Onde o amor foi mar de muitas águas.

Se te anuncio ainda É porque sempre em pedra fui talhada. Em sal me consumi. E perecível Tem sido a minha forma: Estes dedos lunares, estas mãos E tudo o que não foi tocado em ti.

Me queres em renúncia, em humildade Ou íntegra e sozinha nestes cantos? Tive ressurreição e anteprantos E alegrias inteiras. E muitas madrugadas A sós me confessei Àquela irmã soturna e mais amada.

Vi quase tudo. E quase tudo andei.



À memória de Níkos Kazantzákis que me fortaleceu em amor Em ti, terra, descansei a boca, a mesma que aos outros deu de si o sopro da palavra e seu poder de amar e destruir.



DA PAIXÃO

(1974)

A M. N. porque ele existe.

Deliberei amar. Corto em pedaços o músculo sangrento, alheio e triste a quem por isso culpo. Irmão, um dia aprenderemos a entender a entranha.

E nunca mais seremos diferentes.

RENATA PALLOTTINI

# DEZ CHAMAMENTOS AO AMIGO

Love, love, my season.

SYLVIA PLATH

Se te pareço noturna e imperfeita Olha-me de novo. Porque esta noite Olhei-me a mim, como se tu me olhasses. E era como se a água Desejasse

Escapar de sua casa que é o rio E deslizando apenas, nem tocar a margem.

Te olhei. E há tanto tempo Entendo que sou terra. Há tanto tempo Espero Que o teu corpo de água mais fraterno Se estenda sobre o meu. Pastor e nauta

Olha-me de novo. Com menos altivez. E mais atento.

Π

Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me. E eu te direi que o nosso tempo é agora. Esplêndida avidez, vasta ventura Porque é mais vasto o sonho que elabora Há tanto tempo sua própria tessitura.

Ama-me. Embora eu te pareça Demasiado intensa. E de aspereza. E transitória se tu me repensas.

Ш

Se refazer o tempo, a mim, me fosse dado Faria do meu rosto de parábola Rede de mel, ofício de magia

E naquela encantada livraria Onde os raros amigos me sorriam Onde a meus olhos eras torre e trigo

Meu todo corajoso de Poesia Te tomava. Aventurança, amigo, Tão extremada e larga

E amavio contente o amor teria sido.

IV

Minha medida? Amor. E tua boca na minha Imerecida. Minha vergonha? O verso Ardente. E o meu rosto Reverso de quem sonha.

Meu chamamento? Sagitário Ao meu lado Enlaçado ao Touro.

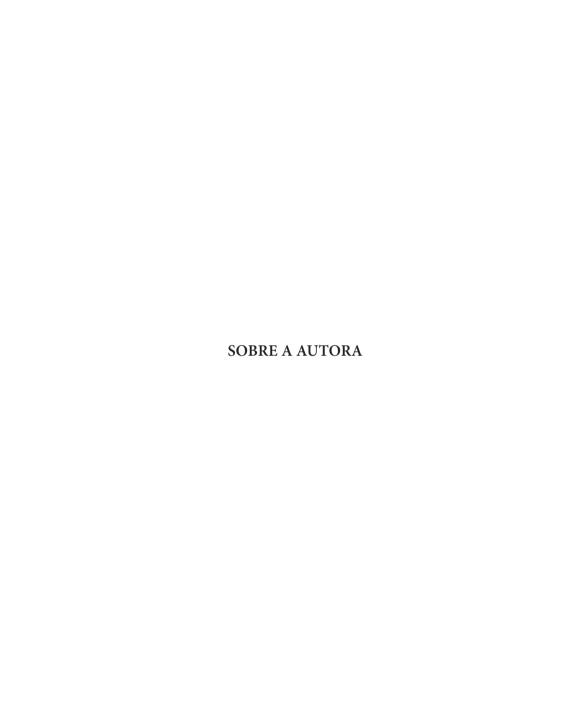
Minha riqueza? Procura Obstinada, tua presença Em tudo: julho, agosto Zodíaco antevisto, página

Ilustrada de revista Editorial, jornal Teja cindida.

Em cada canto da Casa Evidência veemente Do teu rosto.

V

Nós dois passamos. E os amigos E toda minha seiva, meu suplício De jamais te ver, teu desamor também Há de passar. Sou apenas poeta



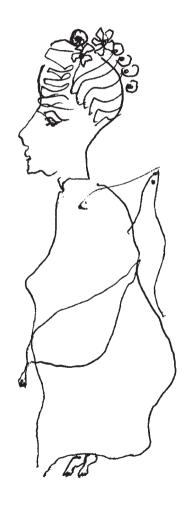
Filha do fazendeiro, jornalista e poeta Apolônio de Almeida Prado Hilst e de Bedecilda Vaz Cardoso, HILDA DE ALMEIDA PRADO HILST nasceu em Jaú, São Paulo, em 21 de abril de 1930. Os pais se separaram em 1932, ano em que ela se mudou com a mãe e o meio-irmão para Santos. Três anos mais tarde, seu pai foi diagnosticado com paranoia esquizoide, tema que apareceria de forma contundente em toda a obra da poeta. Aos sete anos, Hilda foi estudar no Colégio Interno Santa Marcelina, em São Paulo. Terminou a formação clássica no Instituto Mackenzie, morando com uma governanta alemã, e se formou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo.

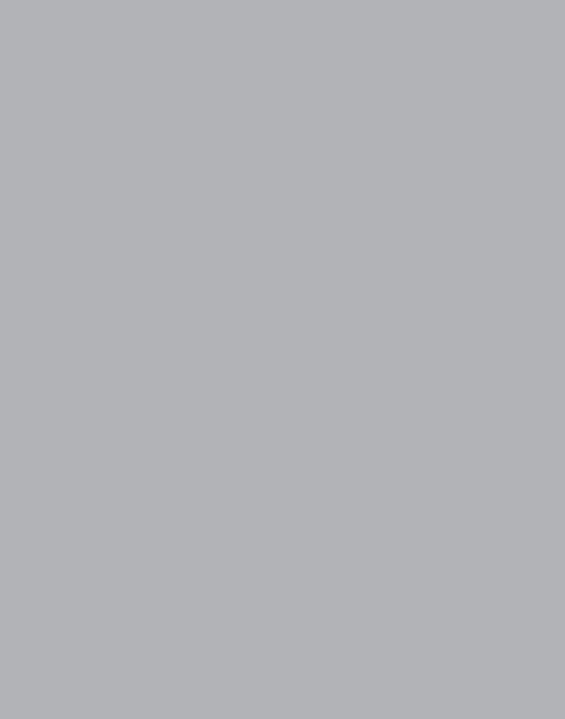
Hilda publicou seu primeiro livro, *Presságio*, em 1950, e o segundo, *Balada de Alzira*, no ano seguinte. Em 1963, abandonou a atribulada vida social e se mudou para a fazenda da mãe, São José, próxima a Campinas. Num lote desse terreno, a poeta construiu sua chácara, Casa do Sol, onde passou a viver a partir de 1966, ano da morte de seu pai. Na companhia do escultor Dante Casarini — com quem foi casada entre 1968 e 1985 — e de muitos amigos que por lá passaram, ela, sempre rodeada por dezenas de cachorros, se dedicou exclusivamente à escrita. Além de poesia, na década de 1970 a escritora ampliou sua produção para ficção e peças de teatro.

Nos anos 1990, em reação ao limitado alcance de seus livros, Hilda se despediu do que chamava de "literatura séria" e inaugurou a fase pornográfica com os títulos que integrariam a "tetralogia obscena": *O caderno* 

rosa de Lori Lamby, Contos d'escárnio/ Textos grotescos, Cartas de um sedutor e Bufólicas. De 1992 a 1995, colaborou para o Correio Popular de Campinas com crônicas semanais.

Entre os prêmios recebidos pela escritora, destacam-se o pen Clube de São Paulo para *Sete cantos do poeta para o anjo*, em 1962; o Grande Prêmio da Crítica pelo Conjunto da Obra, da Associação Paulista dos Críticos de Arte (apca), em 1981; o Jabuti por *Rútilo Nada*, em 1994; e o Moinho Santista pelo conjunto da produção poética, em 2002. Hilda morreu em 2004, em Campinas.





# ÍNDICE DE TÍTULOS E PRIMEIROS VERSOS

A cantora gritante	588
[À carne, aos pelos, à garganta, à língua]	546
A chapéu	585
[Acreditariam]	51
[A descansada precisão da folha]	217
[Aflição de ser eu e não ser outra]	105
Água esparramada em cristal	24
[Ah, essas dores!]	234
[Ah, negra cavalinha]	393
[Ah! Se ao menos em ti]	50
[Ah, se eu soubesse de nuvens]	398
[Ah, se eu soubesse quem sou]	284
[Ah, ternura dos dias]	38
[A ideia, Túlio, foi se fazendo]	295
[Ai de nós, peregrinos]	168
[Ai, que translúcido te fazes]	613
[Ainda é cedo, Ricardo, para o tempo que dizes]	229
[Ainda em desamor, tempo de amor será]	182
[Ai que distância]	456
[Ai, que distanciamento, que montanha, que água]	286
[Agora meus senhores]	127
[Água esparramada em cristal]	24
Águas	573
Águas de grande sombra, água de espinhos	548
À la Adélia	616
[Alturas, tiras, subo-as, recorto-as]	554
[Amada vida]	348
[Amada vida: a dádiva de ser, de Túlio]	290
[Amada vida, minha morte demora]	340

[Amadíssimo, não fales]	82
[Amado e senhor meu]	130
[Amado, não tão meu]	79
[Amado, quando morreres]	57
[Ama-me]	271
[Amargura no dia]	23
[Amáveis]	177
[Amiga, muito amiga]	34
[A minha Casa é guardiã do meu corpo]	302
[A minha voz é nobre]	142
[Amo e conheço]	135
[Amor agora]	442
[Amor chagado, de púrpura, de desejo]	525
[Amor tão puro]	143
[A noite não consente a veleidade]	181
[Antes que o mundo acabe, Túlio]	326
[Antes soubesse eu]	40
[Aos amantes é lícito a voz desvanecida]	314
[Ao teu encontro, Homem do meu tempo]	347
[Aprendo encantamento]	320
[Aquela que não te pertence por mais queira]	603
[Aquele fino traço da colina]	524
[Aquele Outro não via minha muita amplidão]	565
A rainha careca	581
Areia, vou sorvendo	468
Ária única, turbulenta	334
[A rosa do amor]	61
Asa de ferro, esmaga esta última fonte	248
As águas, meu ódio-amor	447
As asas não se concretizam	129
As aves eram brancas e corriam na brancura das lajes	208
As barcas afundadas	529
[As coisas não existem]	62
As coisas que procuro	128
As faces encostadas nos vitrais	214
As laranjas têm alma?	325
As maçãs ao relento	522
[As mães não querem mais filhos poetas]	39
[Áspero é o teu dia]	225

[Atada a múltiplas cordas]	493
[Atados os ramos]	455
[Ávidos de ter, homens e mulheres]	352
[A vossa casa rosada]	142
[A voz que diz o verso e a cantiga]	109
Balada de Alzira	63
Balada do condenado à morte	86
Balada do festival	82
Balada pré-nupcial	77
[Barcas]	445
[Bombas limpas, disseram?]	353
[Brando, o tempo escorria nos vitrais]	213
[Brilhou um medo incontido]	56
[Brotaram flores]	22
[Cadenciadas]	465
[Caio sobre teu colo]	486
[Cálida alquimia]	463
[Calmoso, longal e rês]	409
[Caminho]	207
[Canção do mundo]	26
Cançãozinha triste	79
Canto primeiro	191
Canto segundo	192
Canto terceiro	193
Canto quarto	194
Canto quinto	195
Canto sexto	196
Canto sétimo	197
[Carrega-me contigo, Pássaro-Poesia]	519
[Cavalo, búfalo, cavalinha]	384
[Cavalo, halo de memória, guardo-te no peito]	213
[Cavalos negros]	439
[Clarividente que sou]	179
[Claro objeto onde a rainha e o rei]	241
[Colada à tua boca a minha desordem]	564
[Colapso hibernal]	27
[Com esse caminhar que em sonho se percebe]	212

[Como quem semeia, rigoroso, os cardos]	284
[Como queres que eu te procure a ti]	611
[Como se comprimisses a mão]	246
[Como se desenhados]	431
[Como se fosse verdade encantações, poemas]	605
[Como se te perdesse, assim te quero]	520
[Como se tu coubesses]	383
[Como te posso perder]521	
[Companheiro, morto desassombrado, rosácea ensolarada]	342
[Companheiros, é de lua]	114
[Contente]	312
[Convém amar]	138
[Corpo de argila]	71
[Corpo de carne]	435
Corpo de luz	254
Corpo de terra	253
[Corroendo]	407
[Costuro o infinito sobre o peito]	575
[Dá-me a via do excesso]	546
[Debruça-te sobre a tua casa e a tua mulher]	287
[De canoas verdes de amargas oliveiras]	539
[De cigarras e pedras, querem nascer palavras]	535
[de cima do palanque]	343
[De delicadezas me construo]	215
[De grossos muros, de folhas machucadas]	531
[De luas, desatino e aguaceiro]	276
[De luto esta manhã e as outras]	244
[De montanhas e barcas nada sei]	512
[Demora-te sobre minha hora]	373
[Dentro do círculo]	326
[De ossos]	436
[De rispidez e altivo]	453
[De sandálias de palha]	379
[De sacrifício]	440
[Desatenta espero]	123
[Descansa]	547
[Desde que nasci, comigo]	409
[Desejei te mostrar minha forma humana]	511

[Desenho um touro na seda]	496
[Desgarrada de ti]	448
[Despe-te das palavras e te aquece]	226
[De sol e lua]	474
[Desosso a rima]	615
[De tanto te pensar, Sem Nome, me veio a ilusão]	508
[De uma fome de afagos, tigres baços]	521
[Deu-me o amor este dom]	148
[De um exílio passado entre a montanha e a ilha]	218
[Deus Nosso Senhor conceda]	140
[Devo voltar à luz que me pensou]	538
[Devo viver entre os homens]	528
[Dia doze e eu não suportarei]	30
[Dirás que sonho o dementado sonho de um poeta]	573
[Distorço-me na massa]	161
[Dizeis que tenho vaidades]	146
[Dizem-me]	136
[Doem-te as veias?]	487
[Dorme o tormento]	459
Drida, a maga perversa e fria	583
[Dunas e cabras]	574
[Dúplices e atentos]	172
[Durante o dia constrói]	391
[E a língua lambe]	428
[É antes de tudo a terra]	118
[E a que se fez criança, tece a rosa]	216
[E através dos vitrais as faces duras]	214
[E atravessamos portas trancadas]	428
[E batalhamos]	430
[E bebendo, Vida, recusamos o sólido]	554
[É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas]	301
[E circulando lenta, a ideia, Túlio]	295
[E crivada de hera?]	415
[É crua a vida]	553
[E descansavas nos meus costados]	365
[É lícito me dizeres que Manan, tua mulher]	305
[E lívida]	415
[Embriaguez da vontade, Túlio]	329

[É meu este poema ou é de outra?]	105
[Empoçada de instantes, cresce a noite]	530
[Em silêncio plantávamos nas ilhas]	211
[Enquanto faço o verso, tu decerto vives]	354
[Entendimento fatal]	321
[Enterrei à noite minhas estrelas]	120
[Entre cavalos e verdes pensei meu canto]	175
[É o olho copioso de Deus]	539
[E o tempo tomou forma]	223
[E por que haverias de querer minha alma]	567
[E quanto mais te penso, de si mesma]	297
[Era ali?]	167
[Eram águas castanhas as que eu via]	538
[Eram azuis as paredes do prostíbulo]	541
[Era um vale]	175
[Esboçava-se]	396
[Escaldante, Obscuro]	513
[Escreveste meu nome]	452
[E sempre será preciso o pão desta agonia]	246
[E se eu ficasse eterna?]	415
[E se parece a Mei, pequena estrela]	297
[Esquivança, amigo]	322
[Essa lua enlutada, esse desassossego]	285
[E se leopardos e tigres]	426
[E só me veja]	599
[Esse poeta em mim sempre morrendo]	277
[Estás ausente]	52
[Estava entre as torres o homem]	230
[Estou sozinha se penso que tu existes]	494
[Estou viva]	40
[E taciturno]	323
[E te abrindo ao meio]	416
É tempo de parar as confidências	95
[Eu amo Aquele que caminha]	438
[Eu caminhava alegre entre os pastores]	181
[Eu cantarei os humildes]	47
[Eu era parte da noite e caminhava]	464
[Eu não te vejo]	425
[E por quê, também não doloso e penitente?]	601

[Eu sou a Monstra]	609
[Eu sou Medo]	545
[É neste mundo que te quero sentir]	491
[É rígido e mata]	490
Exercício n.º 1	259
Exercício n.º 2	260
Exercício n.º 3	261
Exercício n.º 4	261
Exercício n.º 5	262
Exercício n.º 6	263
Exercício n.º 7	264
[Existe a noite, e existe o breu]	565
[Existe sempre o mar]	58
[Existo face ao espelho]	120
[Extrema, toco-te o rosto]	527
[Falemos do amor, senhores]	116
[Faremos deste modo]	429
[Fatia, tonsura, pinça]	410
[Faz de mim tua presa]	443
[Ferrugem esboçada]	376
Filó, a fadinha lésbica	590
[Fineza minha, senhor]	141
[Foi Julho sim]	275
[Fui monja]	32
[Fui pássaro e onça]	363
[Funda, no mais profundo do osso]	382
[Garças e fardos]	472
[Gostaria de encontrar-te]	21
[Grande papoula iluminando de amarelo e ouro]	248
[Guardai com humildade]	153
[Guardo-vos manhãs de terracota e azul]	524
[Há certos rios que é preciso rever]	223
[Há este céu duro]	468
[Há no meu mundo]	59
[Há um incêndio de angústias e de sons]	525
[Haste pensativa e débil]	73

[Há tanto a te dizer agora!]	236
[Há uma paisagem sem cor dentro de mim]	84
[Haverá sempre o medo]	84
[Hoje te canto e depois no pó que hei de ser]	510
[Honra-me com teus nadas]	507
[Ilharga, osso, algumas vezes é tudo o que se tem]	604
[Inadvertida rosa]	76
[Incontável, muda]	324
[Iniciei mil vezes o diálogo]	113
[Insensatez e sombra]	439
[Isso de mim que anseia despedida]	600
[Já não sei mais o amor]	73
[Juntas]	394
[Lavores, cordas e batalhas]	512
[Lê Catulo para mim pausadamente]	228
[Lego-te os dentes]	403
[Lembra-te que há um querer doloroso]	566
[Lembra-te que morreremos]	457
[Lenho, olaria, constróis]	378
[Lenta será minha voz e sua longa canção]	206
[Leopardos e abstrações rondam a Casa]	353
[Leva-me a um lugar onde a paisagem]	108
[Levarás contigo]	380
[Lilases, Túlio, celebremos]	328
[Lobos]	423
[Lobos?]	346
[Maior que o meu sonho de viagem]	75
[Mandíbulas]	557
[Maria anda como eu]	25
Mario Schenberg: amado alguém	617
[Me afundarei nesse teu vão de terra]	245
[Me cobrirão de estopa]	392
[Me falaram de um deus]	32
[Me mataria em março]	20
[Mensageiro das ilhas]	225

[Meu corpo no mar]	317
[Meu medo, meu terror, é se disseres]	281
[Meu ódio-amor]	474
[Meus olhos]	149
[Me vias]	424
[Me vinha]	427
[Minha medida?]	272
[Minha sombra à minha frente desdobrada]	542
[Moças donzelas]	150
[Montado sobre as vacas]	367
[Morremos sempre]	159
[Morte, minha irmã]	292
[Move-te]	501
[Movo-me no charco]	545
[Nada de novo tenho a dizer-vos]	87
[Nada mais tenho]	75
[Na hora da minha morte]	74
[Na moldura, no esquadro]	466
[Não compreendo]	400
[Não é apenas um vago, modulado sentimento]	278
[Não é isso, Túlio]	289
[Não é teu este canto porque as palavras se abriram sobre a mesa]	234
[Não é verdade]	128
[Não existe amanhã]	610
[Não haverá um equívoco em tudo isto?]	205
[Não me lamentes à noite, eu sob a terra]	619
[Não me procures ali]	388
[— Não percebes, Samsara, que Aquele que se esconde]	542
[Não te machuque a minha ausência, meu Deus]	502
[Não vou morrer]	620
[Naquela casa azul e avarandada]	218
[Naquele momento]	49
[Na tua ausência, na casa o perfume das igrejas]	235
[Nave]	135
[Negra]	330
[No coração, no olhar]	401
[No meio-dia te penso]	390
[Nós dois passamos]	273

[Nos pauis, no pau-de-lacre]	548
[Nós, poetas e amantes]	87
[Nos veremos de frente]	395
[Noviça]	179
[Nuns atalhos da tarde]	475
O anão triste	586
[O bisturi e o verso]	469
[O casaco rosso me espia]	557
[O cavalo no vale]	176
[O Deus de que vos falo]	209
[O escritor e seus múltiplos vêm vos dizer adeus]	622
[Olhai o que mais vos convém]	224
[Olhamos eternamente]	29
[Olhando o meu passeio]454	
[O louco (a minha sombra) escancarou a boca]	537
[O louco estendeu-se sobre a ponte]	536
[O louco saltimbanco]	537
[O louco se fechou ao riso]	539
[O ouro do mais fundo está em ti]	241
[O melhor é não ver]	126
[Onde nasceste, morte?]	391
[O Nunca Mais não é verdade]	602
[O pássaro desenha]	183
[O poema não vem]	53
[O poema se desfaz. Bem sei]	85
[O poeta se fez]	331
[O que é a carne?]	574
[O que ficou de mim]	48
[O que me vem, devo dizer-te desejado]	507
O reizinho gay	579
[O ruído das ruas]	122
[Os cascos enfaixados]	379
[Os dentes ao sol]	317
[Os juncos afogados]	433
[Os ponteiros de anil no esguio das águas]	526
[O tempo é na verdade o do retorno]	124
[O Tempo e sua fome]	444
[O teu gesto de alegria]	58

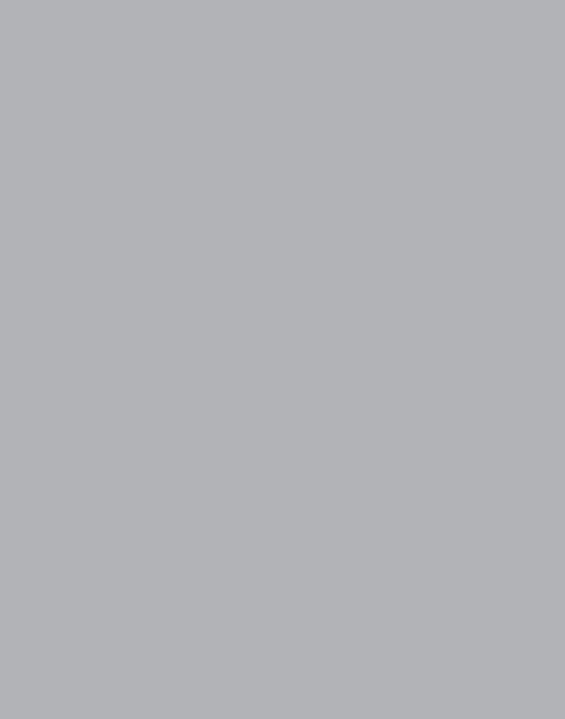
[Outeiros, átrios, pombas e vindimas]	527
[Ouvia]	453
[Paliçadas e juncos]	528
[Para poder morrer]	432
[Para tua fome]	434
[Para um Deus, que singular prazer]	488
[Passará]	408
[pedra d'água, abismo, pedra-ferro]	548
[Pedras dentro das barcas]	449
[Pela última vez]	333
[Penso linhos e unguentos]	575
[Penso que tu mesmo cresces]	498
[Perderás de mim]	377
[Pertencente te carrego]	374
[Pés burilados]	483
[Poderia ao menos tocar]	491
[Poeira, cinzas]	477
Poema do fim	55
[Porco-poeta que me sei, na cegueira, no charco]	519
[Porque conheço dos humanos]	389
[Porque é feita de pergunta]	382
[Porque há desejo em mim, é tudo cintilância]	563
[Por que me fiz poeta?]	396
[Por que não me esqueces]	381
[Porque te amo]	303
[Porque tu sabes que é de poesia]	301
[Por que vens ao meio-dia]	388
[Promete-me que ficarás]	130
[Pulsas como se fossem de carne as borboletas]	567
[Quando Beatriz e Caiana te perguntarem, Dionísio]	304
[Quando terra e flores]	30
[Que as barcaças do Tempo me devolvam]	523
[Que boca há de roer o tempo?]	313
[Que canto há de cantar o que perdura?]	571
[Que dor desses calendários]	421
[Que este amor não me cegue nem me siga]	599
[Quem é que ousa cantar, senhor]	450

[Que não se leve a sério este poema]	108
[Que no poema ao menos]	458
[— Queres voar, Samsara?]	540
[Queria uma cruz]	180
[Quero brincar meus amigos]	115
[Que seja nossa um dia]	151
[Que sorriso de linhos]	622
[Que te alegres de mim, Ricardo]	230
[Que te demores, que me persigas]	576
[Que te devolvam a alma]	345
[Que vertigem, Pai]	546
[Quisera dar nome, muitos, a isso de mim]	510
[Quisera descansar as mãos]	206
[Ramas nas margens do rio que me pretendo]	165
[Rasteja e espreita]	485
[Rasteja, voa, passeia]	385
[Rato d'água, círculo no remoinho da busca]	545
[Resíduo da retina, corpo crepuscular]	243
[Resolvi me seguir]	477
[Restou um nome de bruma]	53
[Rica de amores]	147
[Rinoceronte elefante]	359
[Rios de rumor: meu peito te dizendo adeus]	603
[Ronda tua crueldade]	442
[Rosa consumada]	171
[Se a chuva continua, se nos ares]	219
[Se amor é merecimento]	152
[Se a tua vida se estender]	422
[Se chegarem as gentes, diga que vivo o meu avesso]	522
[Se Clódia desprezou Catulo]	305
[Se é morte este amor]	319
[Se eu disser que vi um pássaro]	564
[Se eu soubesse]	386
[Se eu te pedisse, Túlio]	332
[Se falo]	163
[Se for possível, manda-me dizer]	281
[Se há muito o que inventar por estes lados]	159

[Se havia em nossa voz uma cadência]	170
[Se já soubesse quem sou]	497
[Se me alongasse]	415
[Se me viessem à boca]	461
[Sem heroísmo nem queixa, ofereço-vos]	244
[Se mil anos vivesse]	488
[Se não vos vejo]	145
[Sendo quem sou, em nada me pareço]	161
[Sendo tu amor, irmão, comigo te pareces]	228
[Senhoras e senhores, olhai-nos]	339
[Se o mel escorresse]	433
[Se o teu, o meu, o nosso do tigre]	349
[Se possível se fizer o merecê-las]	216
[Se quiserem saber se pedi muito]	187
[Será que apreendo a morte]	530
[Se refazer o tempo, a mim, me fosse dado]	272
[Serena face]	81
[Seria menos eu]	139
[Ser nova e derradeira, recompondo]	296
[Ser terra]	227
[Se some, tem cuidado]	499
[Se te ausentas há paredes em mim]	566
[Se te ganhasse, meu Deus, minh'alma se esvaziaria?]	496
[Se te pareço noturna e imperfeita]	271
[Se te pertenço, separo-me de mim]	535
[Se te pronuncio]	446
[Se tivesse madeira e ilusões]	526
[Se todas as tuas noites fossem minhas]	307
[Se uma ave rubra e suspensa ficará]	282
[Se um dia te afastares de mim, Vida]	558
[Se viverdes em mim, vereis até onde me estendo]	247
[Sobem-me as águas]	493
[Soberbo]	436
[Sobre o vosso jazigo]	341
[Sobrevivi à morte sucessiva das coisas do teu quarto]	236
[Soergo meu passado e meu futuro]	298
[Somos crianças nesta noite escura]	125
[Sonha-me, meu ódio-amor]	470
[Sonhei que te cavalgava, leão-rei]	369

[Sorrio quando penso]	274
[Stela, me perguntaram]	19
[Talvez eu seja]	458
[Também nos claros, na manhã mais plena]	207
[Também são cruas e duras as palavras e as caras]	553
[Tão escuramente caminha]	397
[Tateio]	312
[Te amo, Vida, líquida esteira onde me deito]	555
[Te batizar de novo]	373
[Telhas, calhas]	541
[Temendo deste agosto o fogo e o vento]	540
[Tem nome veemente]	602
[Tenho meditado e sofrido]	306
[Tenho medo de ti e deste amor]	107
[Tenho pedido a Deus, e à lua, ontem]	283
[Tenho pedido a todos que descansem]	122
[Tenho pena]	80
[Tenho preguiça]	35
[Tenho sofrido]	144
[Tenho te amado tanto e de tal jeito]	106
[Tens a medida do imenso?]	473
[Te penso]	476
[Terra, de ti é que vêm essas portas de mim]	242
[Te sei]	394
[Teus passos somem]	501
[Te vi]	386
[Teu livre-arbítrio, meu ódio-amor?]	461
[Teu nome é Nada]	387
[Teu rosto se faz tarde]	470
[Todos irão sempre contra ti]	37
[Toma-me]	242
[Toma-me ao menos]	451
[Toma-me, terra generosa]	242
[Toma para teu gozo]	437
[Três luas, Dionísio, não te vejo]	304
[Tuas poucas palavras]	318
[Tudo demora]	355
[Tudo é triste]	119

[Tudo vive em mim]	344
[Túlio: aceita a graça que te concede]	287
[Túlio: há palavras escuras]	327
[Túlio, melhor é te ensinar a conhecer]	288
[Túlio, não me pertenço mais]	291
[Túlio viaja]	289
[Túrgida-mínima]	375
[Tu sabes que serram cavalos vivos]	547
[Uma mulher suspensa entre as linhas e os dentes]	547
[Uma viagem sem fim, Túlio, eu te proponho]	290
[Um cemitério de pombas]	430
[Um claro-escuro de sol nos meus cantares]	217
[Um coro de despedidas]	445
[Um peixe lilás e malva]	399
[Um peixe raro de asas]	361
[Um percurso de noites e vazantes]	462
[Um tempo-luz]	467
[Um todo me angustia]	162
[Um triângulo nas mãos]	620
[Um verso único]	471
[Uns barcos bordados]	402
[Uns ventos te guardaram]	233
[Vem apenas de mim, ó Cara Escura]	509
[Vem dos vales a voz. Do poço]	572
[Vem, senhora, estou só, me diz a Vida]	556
[Vereis um outro tempo estranho ao vosso]	210
[Vê, Ricardo, se falo tanto do ser feito de terra]	226
[Ver-te. Tocar-te. Que fulgor de máscaras]	563
[Vi as éguas da noite galopando entre as vinhas]	571
[Vida da minha alma]	421
[Vida da minha alma]	476
[Vinda do fundo, luzindo]	375
[Vou indo, caudalosa]	350
[Vou pelos atalhos te sentindo à frente]	495



### COLEÇÃO

### PLURAL

#### POESIA

Criada em 1982 por Vasco Graça Moura, então administrador responsável pelo pelouro editorial na INCM, a Plural acolheu, até ao fecho daquela década, obras de novos mas já promissores autores, que tiveram nela a sua primeira oportunidade de publicação. Entre os títulos publicados encontram-se obras de ficção, ensaio, dramaturgia e mesmo artes plásticas, mas sobretudo de poesia. A INCM assumia deste modo o papel de serviço público que lhe cabe desde a sua fundação, neste caso dando oportunidade aos novos.

Com a criação do Prémio INCM | Vasco Graça Moura em 2015, a editora pública decide também fazer reviver esta emblemática coleção e o essencial do seu objetivo. É desígnio da nova Plural publicar as obras poéticas distinguidas no âmbito do Prémio, mas também outras obras de indubitável qualidade que não encontraram ainda a justa oportunidade de publicação ou que são de acesso difícil para o público português.

Esta coleção renasce como espaço dedicado à poesia do grande universo da língua portuguesa — espaço de liberdade, espaço de literatura, espaço de difusão, espaço de pluralidade — homenageando a memória plural do renascentista português dos séculos xx e xxi que foi Vasco Graça Moura.

### PLURAL

### história do século vinte

José Gardeazabal Prémio Vasco Graça Moura 2015

### **Fade Out**

Alexandre Sarrazola Menção Honrosa no Prémio Vasco Graça Moura 2015

# Poesia Completa

Mário Dionísio Prefácio de Jorge Silva Melo

#### Poesia

Eucanaã Ferraz Prefácio de Carlos Mendes de Sousa

### Estrada Nacional

Rui Lage

### Contra Mim Falo

Vasco Gato

# Aula de Natação

Alice Sant'Anna Prefácio de Armando Freitas Filho

### Desdizer

Antonio Carlos Secchin Prefácio de Luciano Rosa

# Coreografando Melodias no Rumor das Imagens

Mário Avelar

**Retábulo das Matérias** 1956-2013 Pedro Tamen

### Alexandrina, como Era Todos os Poemas

I. H. Santos Barros

Edição de Jorge Reis-Sá Prefácio de António Lobo Antunes

Posfácio e Dossiê Crítico de Urbano Bettencourt

### Deixar Um Verso a Meio

Francisco José Viegas

# Instruções para Uso Posterior ao Naufrágio

José Luiz Tavares

Prémio Vasco Graça Moura 2018

# O Livro Branco da Melancolia Antologia

José Jorge Letria Prefácio de Yvette K. Centeno

# Turquesa

Daniel Maia-Pinto Rodrigues

Prefácio de Rui Lage

### **Toda Poesia**

Paulo Leminsky

### O Último Poeta Romano

Paulo Teixeira

#### Guardar a Cidade e os Livros Porventura

Antonio Cicero

#### Por Ora

Paulo Henriques Britto

Overdrive Poesia [07.21]

Alexandre Sarrazola

# **Muitas Vozes** Toda a Poesia, 1950-2010 Ferreira Gullar

Posfácios de Antonio Carlos Secchin e Antonio Cicero

## Obra Poética 1957-1994

Salette Tavares
Prefácio de Catherine Dumas

### O Vazio de Um Céu sem Hinos

David Bene Prémio Vasco Graça Moura 2021

### Poesias Reunidas

Oswald de Andrade Prefácio de Abel Barros Baptista

# Como Um Segredo na Boca do Universo

[Obra Completa-Mente Inacabada] José Luiz Tavares

### Não Desfazendo Poesia 1998-2023

Rita Taborda Duarte Posfácio de Fernando Guerreiro

### Todo o Alba

Sebastião Alba Edição de Jorge Reis-Sá

### Da Poesia

Hilda Hilst Posfácio de Victor Heringer

### DA POESIA, HILDA HILST Coleção Plural

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda © 2017 Daniel Bilenky Mora Fuentes Publicado no Brasil pela Companhia das Letras, São Paulo

Direção literária: Jorge Reis-Sá
Capa e design de coleção: André Letria
Revisão: Mário Azevedo
Paginação: Magda M. Coelho
Impressão e acabamentos: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Minion Pro e impresso em papel Coral Book Ivory de 90 g (miolo) e Geltex 111LS Branco (capa)

> ISBN: 978-972-27-3177-5 Depósito legal: 522784/23 Código de edição: 1026395 1.º edição: Novembro de 2023

Imprensa Nacional é a marca editorial da **INCM** 

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa

imprensanacional.pt loja.incm.pt facebook.com/ImprensaNacional instagram.com/imprensanacional.pt editorial.apoiocliente@incm.pt